

DOCENTES EM DIÁLOGO

A Extensão Universitária e o Trabalho Grupal Possibilitando a Tessitura da Interlocação Entre Diferentes Saberes — Relato de Experiência¹

*Isabel Cristina Pacheco Van der Sand²
Iris Fátima Alves Campos³, Karina Rios⁴, Daniela Dreher⁵*

Resumo

Este artigo traz um relato de experiência de trabalho de extensão universitária, desenvolvido com gestantes e familiares, formatada como grupo operativo, que se constitui interdisciplinarmente entre profissionais e estudantes de vários cursos da área da saúde. A atividade organiza-se em dois momentos: no grupo de gestantes e seus familiares, seguindo as determinações do enquadre grupal, e no grupo de coordenação. A relação transferencial de trabalho entre os profissionais se constrói a partir de uma ética compartilhada, cujo elemento principal consiste em compreender que as problematizações advindas da gravidez estão associadas às mobilizações psíquicas que a gestação provoca. A partir desta unidade no olhar lançado pelos coordenadores, tanto as gestantes, seus familiares, como os acadêmicos, recebem continência, permitindo que o trabalho cumpra sua função terapêutica.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Grupo Operativo. Trabalho Interdisciplinar.

Dialogue Between Professors: the university extension and the group work making possible the interlocution weave among different knowledges – experience account

Abstract

This article brings an experience account of academical extension activity developed by four courses of Unijui, together with pregnant women and their extended families. It is shaped as an operative group and it has interdisciplinary characteristics. It is organized in two stages: in pregnancy and extend family group and in the coordination group. The transference relation of work among professionals is constructed starting from a shared ethic, from which the main element consists of understanding that the problems of pregnancy are associated with psychic mobilizations provoked by the pregnancy it self. Starting with this optics of the coordination, the pregnant women, their extended families and the students get continence, making possible that the activity accomplishes its therapeutic functions.

Keywords: Academical Extension. Operative Groups. Interdisciplinary Work.

¹ Artigo oriundo do projeto de extensão “Grupo de gestantes e de familiares: uma alternativa de atenção interdisciplinar”, inscrito na linha de ação “O cuidado no campo da saúde”, do Programa de Extensão da Unijui e apresentado na VI Jornada de Extensão da Unijui, em novembro de 2004.

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem Obstétrica, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijui. isabel@unijui.tche.br.

³ Psicóloga. Mestre em Educação, professora colaboradora do Departamento de Filosofia e Psicologia da Unijui. irisc@unijui.tche.br.

⁴ Nutricionista. Mestre em Alimentos e Nutrição, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijui. karina.rios@unijui.tche.br.

⁵ Fisioterapeuta. Mestre em Engenharia da Produção. Docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijui. daniela.dreher@unijui.tche.br.

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência, bem como as reflexões tecidas por quatro docentes da área da saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) – Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia e Psicologia –, que vêm, há um ano, desenvolvendo de forma colegiada a coordenação da atividade de extensão universitária denominada “Grupo de gestantes e de familiares: uma alternativa de atenção interdisciplinar”⁶.

O “Grupo de gestantes e de familiares” é uma atividade promovida em dois momentos distintos: um deles alude ao trabalho de caráter operativo, com características de suporte, com mulheres grávidas e seus familiares, desenvolvido por professores e estudantes dos cursos de Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia e Psicologia; o outro diz respeito aos encontros de que professores e estudantes participam com o objetivo de planejar as reuniões com as gestantes e seus familiares, bem como avaliá-los, e de estudar temáticas que têm relação com gravidez e gestação⁷, parto, pós-parto, maternidade/paternidade, entre outras desta natureza.

Quanto ao primeiro momento, parece-nos importante destacar que a cada semestre letivo é formado um grupo operativo, que, por ter características de suporte, conforme o entendimento de Campos (2000), busca proporcionar, às gestantes e seus familiares, espaço de discussão e de expressão das vivências relativas à gravidez/gestação, auxiliar na elaboração dessa situação de vida, que emerge da assunção de um desejo e que pode se problematizar, tanto pelas intercorrências orgânicas como pelas subjetivas, discutir com os participantes do grupo os diferentes aspectos que envolvem a gravidez/gestação, o parto, o puerpério e os cuidados de um filho recém-nascido, realizar trabalho corporal com as gestantes visando uma melhor vivência no processo de nascimento e no aleitamento materno.

O enquadre grupal⁸, relativo ao momento desenvolvido com as gestantes e seus familiares, consta de oito encontros que têm periodicidade semanal,

ou de acordo com as necessidades e interesses dos integrantes do grupo, com duração de cerca de duas horas, realizados em local fixo, com acomodações confortáveis para todas as pessoas presentes e abordando temáticas pré-estabelecidas, que têm como finalidade servir de “aquecimento/pretexto” para a discussão e expressão das vivências.

Os temas abordados com gestantes e seus familiares, em geral, tratam acerca das modificações (orgânicas e psíquicas) que afetam a mulher em decorrência da gestação, da alimentação da mulher no período gestacional, do aleitamento materno, dos tipos de parto, da alimentação do RN após seu sexto mês de vida, do trabalho corporal mais adequado ao período gravídico-puerperal, do desejo de tornar-se mãe/pai e dos sentimentos e demais manifestações psíquicas emergentes na gravidez, parto e pós-parto, dos cuidados com o recém-nascido, do que se espera de um filho que está por vir. Estas temáticas circulam em todos os encontros e, na medida em que emergem no grupo, participantes e profissionais vão tratando acerca das mesmas com o intuito primordial de fornecer o suporte que o grupo demanda naquele dado momento.

Ainda em relação ao enquadre grupal, cabe salientar que o número de vagas para gestantes e seus familiares é limitado. Ou seja, no máximo 16 pessoas podem inscrever-se em cada grupo. Este cuidado deve-se à experiência acumulada ao longo do tempo no desenvolvimento dessa atividade e no fato de que um grupo para ser operativo e, portanto, cumprir com seus objetivos, deve permitir a comunicação visual, verbal e conceitual de todos os participantes, conforme aponta a literatura especializada (Zimerman; Osório, 1997).

O outro momento da experiência aqui descrita, ou seja, aquele dedicado aos estudos e ao planejamento dos encontros a serem realizados com o grupo de gestantes e seus familiares, também se caracteriza como uma atividade de natureza operativa,

⁶ Nos referiremos neste artigo à atividade como Grupo de gestantes e familiares.

⁷ A distinção dos termos ocorre para diferenciarmos as questões de ordem orgânica das de ordem subjetiva.

⁸ Enquadre grupal é o conjunto de procedimentos que, explicitamente, objetivam organizar, normalizar e possibilitar o processo terapêutico (Zimerman, 2000).

porém tem um caráter de ensino-aprendizagem, na medida em que professores e estudantes, em conjunto, discutem e refletem sobre a dinâmica das reuniões com as gestantes/familiares e sobre os seus próprios encontros (para a coordenação da atividade). Ou seja, aprende-se a implementar uma atividade de natureza grupal operativa na medida em que o grupo de profissionais e estudantes implementam a ação e “pensam” sobre ela, buscando apreender os fenômenos que circulam no campo grupal e a partir desta apreensão e da (re)flexão (aqui entendida como *re* = de novo, e *flexione* = ação de dobrar-se, curvar-se) dobram-se sobre si mesmos, sobre sua práxis, para com isso tomar ciência do que vai se operando no campo grupal de ambos os espaços (com as gestantes e familiares e nas reuniões para planejamento e estudos) e vão, então, aprendendo a operar com atividades de natureza grupal operativa.

Cabe destacar que ambos os momentos são considerados terapêuticos pelo grupo organizador, tomando aqui o termo terapêutico como apontado por Berstein (1989, p. 120), quando este autor explica que para Pichón-Rivière, criador dos grupos operativos, nessa modalidade grupal “não se trata tanto de curar”, mas de resolver os obstáculos que freiam o desenvolvimento do indivíduo no grupo, isto é, trata de colocá-lo em melhores condições de encontrar as próprias soluções.

Significa dizer que a experiência de extensão universitária aqui relatada, tal como as atividades grupais analisadas por Luciano (2004), oferece condições para que seus participantes resolvam diferentes situações, desde as relativas à aprendizagem de alguma tarefa (que nesse caso pode ser a de coordenar um grupo operativo de gestantes) até a resolução de situações problemáticas que são trazidas ao grupo (seja pelas próprias gestantes ou seus familiares ou, mesmo, pelos membros do grupo de coordenação, que congrega os professores e

os estudantes). Dessa forma, as situações que, muitas vezes, vêm à atividade grupal com características estereotipadas, rígidas, vão se transformando na própria ação do grupo e passam a se configurar como situações dialéticas (mutáveis). Cabendo lembrar que a cada transformação (ou resposta à inquietação trazida ao grupo) gera-se nova inquietação, nova pergunta e, neste processo, vai se operando a mudança, que por sua natureza, nunca é acabada e está em permanente produção. A atividade é, por essa ótica, terapêutica em seus distintos momentos.

Cabe, nesta reflexão, destacar que a coordenação da experiência (em seus dois momentos – com o grupo de gestantes e nas reuniões para planejamento e estudos) tem permitido um crescimento pessoal e profissional a cada um dos sujeitos que dela participam – professores e estudantes. Apresenta-se, portanto, como um dispositivo capaz de dar visibilidade⁹ a cada uma das profissões e possibilita, na medida em que cada um respeita o núcleo de atuação dos demais, autonomia a cada sujeito/profissional que, por sua vez, não prescinde do outro.

Atuar de forma grupal na coordenação de uma experiência de natureza também grupal, como é o Grupo de Gestantes e Familiares da Unijuí, propicia aos sujeitos do processo (professores e estudantes) a certeza de que no cotidiano do coordenar a atividade produz-se, constantemente, uma “aprendência” do conviver, tomando-se aqui emprestadas as palavras de Miranda (2002).

Essa “aprendência” exige, de cada um dos profissionais e estudantes, um permanente respeito ao outro, um “abrir-se” para ser empático, a grandeza da paciência e a disposição de perceber o outro e a si mesmo como alguém em permanente produção – que a cada encontro entrega um pouco de si ao outro e a ele conforma¹⁰, e que toma um pouco, para si, do outro, e desta forma, se (re) conforma.

⁹ A visibilidade, neste caso, diz respeito também ao fato de que os participantes do Grupo de gestantes e familiares são, muitas vezes, “apresentados” pela primeira vez a cada uma das profissões que coordenam a atividade e, quase sempre, esta é a primeira oportunidade de interagir com as quatro profissões, ao mesmo tempo, no mesmo espaço de ação. A visibilidade, portanto, é para cada profissão em si e, especialmente, para a possibilidade de interação entre as mesmas.

¹⁰ Dar a forma, configurar.

A coordenação do Grupo de Gestantes e de Familiares da Unijuí tem, a nosso ver, permitido, antes de tudo, a tessitura¹¹ do diálogo, que por sua vez vem embalada em redes de afeto, o que não significa a inexistência de diferenças e divergências. Ao contrário, o afeto permite que cada um seja diferente dos demais, pois é esta diferença que vai dando humanidade a cada professor e a cada estudante e vai evidenciando, para todos, que o trabalho com o ser humano – gestante, familiar e bebê que está por vir a ser (portanto, um outro, também diferente) – necessita de muitas mãos – a que cuida, a que nutre, a que escuta¹², a que orienta –, permitindo que esse outro tome seu próprio curso. O trabalho, portanto, em suas duas dimensões, aposta na autonomia de cada sujeito – professor, estudante, gestantes e familiares.

Na construção da autonomia, por meio da tessitura do diálogo, produz-se também o vínculo do reconhecimento, tal qual descrito por Zimerman (2000). Este vínculo, em suas quatro formas, designa, em primeiro lugar, um “vir a conhecer de novo”, na medida em que todo o conhecimento novo é virtualmente um reconhecimento de prévias repressões, reminiscências e pré-concepções. Diz respeito, também, à necessidade, para que aconteça o crescimento mental de cada sujeito, que esse reconheça que o outro não é um mero espelho seu, é um ser autônomo e tem idéias, valores e condutas diferentes das suas; em terceiro, este aspecto vincular afetivo do sujeito alude ao desenvolvimento de sua capacidade de consideração e de gratidão ao outro; e, por último, diz respeito à necessidade, para a manutenção da auto-estima de cada um, de ter o reconhecimento do outro, ou seja, de ser reconhecido pelo outro.

A autonomia que se pretende, cabe salientar, deve ser oriunda de um referencial teórico-ético, de um atravessamento de cada sujeito pelos regramentos de seu fazer profissional. Nesse sentido podemos afirmar que a equipe interdisciplinar, como a que se

apresenta nesta experiência, só se constitui na medida em que se dá uma “relação transferencial de trabalho”.

Para explicitar no que consiste esta relação transferencial de trabalho recorremos ao conceito que lhe dá origem, o conceito de transferência propriamente dita, que conforme Laplanche (1991) “designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica”. No *setting* clínico é a transferência que permite que o tratamento se mantenha, uma vez que permite que o paciente relacione-se com o terapeuta, dando-lhe um lugar de saber e autorizando-o a interpretar os seus enunciados. Esta relação, entretanto, não pode estar calcada na pessoalidade ou simpatia, mas deve, isto sim, ser oriunda do reconhecimento.

Quando saímos do *setting* clínico em direção ao *setting* grupal e interdisciplinar há a possibilidade de se produzir uma relação transferencial de trabalho se houver no grupo um compartilhar ético, uma atribuição de saber de uns profissionais para outros. No caso do Grupo de Gestantes e Familiares da Unijuí essa relação transferencial de trabalho se produz à medida que compartilhamos a idéia de que estamos envolvidas, “transferenciadas” com a questão da gestação (gestando bebês, “gestando” filhas que se tornarão mães, filhos que se tornarão pais...), reconhecendo que esta é a questão subjacente sempre que as modificações gravídicas ou os preparativos para o parto se apresentam na fala das pessoas. Nosso olhar se dirige às gestantes, neste sentido constrói-se a unicidade. Este aspecto, no grupo de coordenadores, é muito importante à medida que permite um abrir-se, ao invés de um fechar corporativo. Nesse sentido, não importa quem está falando, todos podem confiar em todos e a unidade/coesão do grupo de profissionais é assegurada.

¹¹ Tessitura é entendida aqui nestas reflexões, como o entrelaçamento entre diferentes saberes, que possibilita a produção de um saber continuamente renovado e, portanto, nunca acabado. Trata-se do tecer, mediante o diálogo entre diferentes profissões do campo da saúde, a possibilidade do vínculo do reconhecimento, em suas quatro modalidades, conforme o entendimento de Zimerman (2000).

¹² Preferimos o termo escutar ao invés do termo ouvir. Esta opção se dá na medida em que se refere à tarefa do psicólogo, especialmente, porque o escutar traz a idéia de interpretar as palavras pelo seu sentido contextual, nas metáforas e analogias que a fala humana produz como manifestação do inconsciente.

Esta linha de conduta, esta postura ética, parece ser percebida pelas gestantes participantes do grupo. E no grupo coordenador tem especial relevância para os acadêmicos em formação (bolsistas e voluntários). Pela relação transferencial de trabalho que se constrói, os estudantes captam o estilo de cada profissional e o quanto deste estilo dá lugar às possibilidades de trabalho do outro, com o outro. Desde esse referencial podem projetar-se em seu futuro profissional, não em espelhamento (tal qual seus professores), mas em traços captados, transmitidos deste lugar transferencial.

Quanto aos docentes coordenadores, o que se compartilha é o envolvimento de cada um com seu campo de saber; vemo-nos uns nos outros, o que permite que se possa dar continuidade¹³ às gestantes e a seus familiares a partir da continuidade que se constrói nas reuniões de planejamento do trabalho.

Ao finalizar as reflexões que aqui se tece, que não têm a pretensão de serem conclusivas, mas, ao contrário, pretendem ser apenas o início de tantas outras que serão tecidas a partir destas e da própria práxis que a estas deram origem, percebe-se que ao se permitir o diálogo entre diferentes profissionais que se dispõem a trabalhar de forma conjunta, ao estar atento ao outro e aberto para a produção coletiva de saberes, produz-se a cada um em sua especificidade, e se reforça a todos na medida em que se tece um referencial que é de todos e para todos. Parece produzir-se algo que está acima de todos – seria, pois, aquilo que se pretende metadisciplinar?

Referências

- BERSTEIN, M. Contribuições de Pichón-Rivière à psicoterapia de grupos. In: OSÓRIO, L. C. *Grupoterapia hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CAMPOS, E. P. Grupos de suporte. In: MELLO, Fo. J. de. *Grupo e corpo: psicoterapia de grupos com pacientes somáticos*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 117-130. Cap. 6.
- FÉDIDA, P. *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991.
- LAPLANCHE, J. *Vocabulário da Psicanálise: Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LUCIANO, C. F. *A vivência em atividade de natureza grupal durante a formação universitária: o que dizem os egressos dos cursos da área da saúde da Unijuí*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 87 p. [Trabalho de Conclusão de Curso].
- MIRANDA, S. *Novas dinâmicas para grupos: a aprendizagem do conviver*. Campinas/SP: Papirus, 2002.
- ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

¹³ Continência é entendida aqui a partir de um modelo referencial conhecido: “considera-se que a mãe-contidente seja capaz de acolher em si mesma os afetos da criança, de ser sensível ao que estes produzem sobre ela sem confundi-los com os seus próprios, dando-lhes sentido junto à criança sem reduzir de maneira alguma o valor de experiência interna que eles representam” (Fédida, 1991, p. 212).